

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

Fidelidade como receita de sucesso: um estudo de caso da editora Vozes nas primeiras décadas do século XX

Marcelo Fereira de Andrades¹

Universidade Estácio de Sá; Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

A pesquisa mostra como a editora Vozes – que iniciou com apenas uma velha máquina tocada à manivela – tornou-se, em pouco mais de 10 anos, conhecida nas mais diversas regiões do Brasil e até internacionalmente, com um catálogo de aproximadamente 200 títulos, diversos deles com várias reedições, prédios próprios, grandes máquinas importadas, dezenas de funcionários, autores, tradutores e duas revistas de circulação nacional. Isso num período em que o mercado editorial brasileiro era bastante incipiente.

As relações de proximidade entre os dirigentes da “Vozes” – frades franciscanos – e membros da elite eclesiástica e, conseqüentemente, membros da elite política e econômica brasileira, descritas na investigação, oferecem uma explicação possível para tal êxito.

Palavras-chave

História do livro; Editora; Vozes; Igreja.

1. Professor do curso de Letras da Universidade Estácio de Sá, Campus Petrópolis; Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS e doutorando em História Social pela UFRJ, onde pesquisa sobre História do Livro. É autor do livro *Editora Vozes: 100 anos de história* (Petrópolis, 2001).

Corpo do trabalho

Instalada no porão de um convento franciscano, a “Vozes” era, em 1901, uma pequena tipografia com apenas uma velha máquina tocada à manivela. Em pouco mais de 10 anos, tornou-se conhecida nas mais diversas regiões do Brasil e até internacionalmente, com um catálogo de aproximadamente 200 títulos, diversos deles com várias reedições, prédios próprios, grandes máquinas importadas, dezenas de funcionários, autores, tradutores e duas revistas de circulação nacional.

Esse fato é ainda mais curioso se se considerar que o mercado editorial brasileiro de então era bastante incipiente. Apesar da existência de algumas casas editoras, a produção editorial brasileira no período “não passava de uma atividade por vezes secundária de grandes livrarias que se dedicavam a alguns autores nacionais consagrados, como é o caso de José de Alencar e Machado de Assis”.²

Uma explicação possível para tal êxito pode ser encontrada investigando-se as relações de proximidade entre os dirigentes da “Vozes” – frades franciscanos³ – e membros da elite eclesiástica e, por extensão, membros da elite política e econômica, visto que a elite eclesiástica brasileira, que na ocasião estava se constituindo, caracterizava-se por manter estreitos laços com o poder econômico e político, não obstante a separação entre Igreja e Estado. Essa separação não significou “uma ruptura com os grupos dirigentes locais nem suscitou um redirecionamento das políticas e dos investimentos da Igreja com vistas a ampliar seu público fora do espaço da classe dirigente”.⁴ Pelo contrário, grande parte dos bispos brasileiros eram membros de famílias oligárquicas, filhos ou irmãos de coronéis, deputados, governadores e políticos locais.⁵

De acordo com as pesquisas que resultaram no livro *Editores Vozes: 100 anos de história*⁶, os dois principais agentes da consolidação da “Vozes” enquanto editora, na “luta” por equilíbrio financeiro, por reconhecimento e prestígio no interior da própria

2. TORRESINI, Elisabeth R. *Editores Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: EdUSP. Com-Arte. Porto Alegre: EdUFRGS, 1999, p. 32.

3. São conhecidos como *franciscanos* os frades pertencentes à Ordem dos Frades Menores (OFM), primeira ordem fundada por S. Francisco no início do século XII, na cidade de Assis, Itália, destinada a homens celibatários. Além desta, S. Francisco fundou outras duas ordens: a segunda, das Clarissas, destinada a mulheres que se consagram à Vida Religiosa monacal e a terceira, a ordem secular, destinada a solteiros e casados que desejam seguir Jesus Cristo, tendo como modelo S. Francisco de Assis.

4. MICELI, Sérgio. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, p. 21.

5. *Id.*, *Ibid.*, p. 25; 68-79.

ordem franciscana e da Igreja Católica, bem como junto à sociedade, à elite intelectual, econômica e política do período foram os frades alemães Inácio Hinte e Pedro Sinzig. Frei Inácio, fundador da editora, dirigiu-a até 1908. Frei Pedro dirigiu-a de 1908 a 1913, mas continuou atuando até 1920 como editor da revista *Vozes de Petrópolis*, autor e tradutor de livros. Este trabalho busca reconstruir a trajetória empresarial destes dois frades à frente da “Vozes”, mapeando suas estratégias editoriais e as redes de relações que eles foram tecendo ao longo destes anos com outros frades e membros da hierarquia eclesial, autores, tradutores, políticos e “benfeitores” econômicos.

As origens

A “Vozes” foi fundada por Frei Inácio Hinte, missionário franciscano originário da Alemanha. Sua vinda ao Brasil está relacionada com as dificuldades enfrentadas pela Igreja Católica, em particular pelas congregações religiosas no Brasil. Dos mais de quinhentos frades que atuavam no país até meados do século XVIII, restaram, em 1889, depois de um século de perseguições, disputas internas, sanções e diversos outros problemas apenas nove frades no Nordeste, da Província Santo Antônio, e um frade no Rio de Janeiro, da Província da Imaculada Conceição. Com a Proclamação da República e a separação entre Igreja e Estado, os religiosos passaram a ter, novamente, total liberdade de ação e organização, ou melhor, de restauração.

A relação dos frades alemães com essa hierarquia está presente desde o convite para virem a Petrópolis. O convite foi feito em 1891 pelo Monsenhor João Batista Guidi, Auditor da Internunciatura no Brasil, uma espécie de assessor para questões diplomáticas do Vaticano⁷. Monsenhor Guidi, conhecedor do idioma alemão, prestava assistência religiosa às famílias de imigrantes alemães que freqüentavam a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, construída em 1874 com o apoio e o empenho do Imperador Dom Pedro II⁸. Em contato com os frades alemães da região da Saxônia, que dirigiam-

6. ANDRADES, Marcelo Fereira de. *Editora Vozes: 100 anos de história*. In: _____. (Coord.). *Editora Vozes: 100 anos de história*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 1-256.

7. KÜLKAMP. *Fraternidade em currículo*. Dissertação (Mestrado em Educação). Rio de Janeiro, UERJ, 2000, p. 105.

8. Segundo levantamentos realizados pela arquivista Áurea Maria de Freitas Carvalho, no ano de 1872 o Pe. Teodoro Esch, que prestava assistência espiritual aos colonos alemães católicos, dirigiu uma petição ao Imperador D. Pedro II pedindo licença para a construção de uma Igreja no terreno do antigo cemitério, sito à rua Montecaseros. Os recursos financeiros para a construção foram angariados através de campanhas junto aos fiéis. O Imperador D. Pedro II “encabeçou a lista de doadores publicada no *Jornal Mercantil*. Colaborou com a quantia de 300\$000 rs., seguindo-se a contribuição da Imperatriz D. Teresa Cristina: 200\$000 rs. e das princesas Isabel e Leopoldina: 100\$000 rs.” (cf. CARVALHO, Áurea Maria de Freitas. *A Igreja do Sagrado Coração de Jesus*. *Revista do Instituto Histórico de Petrópolis*. Petrópolis, vol. II, p. 8-14, 1981.

se ao Brasil como missionários, convidou-os para instalarem-se em Petrópolis e assumirem a assistência espiritual aos colonos alemães, cuidando pessoalmente de toda a documentação exigida pelas autoridades civis e religiosas, pagando o aluguel de uma casa nos fundos da igreja do Sagrado Coração de Jesus, encomendando a planta, acompanhando e custeando a construção do convento até o fim das obras.⁹

Os primeiros franciscanos chegaram a Petrópolis em 16 de janeiro de 1896, instalando, na casa alugada por Monsenhor Guidi, uma fraternidade coordenada pelo Frei Ciríaco Hielscher, originário da região da Silésia, na Alemanha. A construção do convento foi concluída em dezembro do mesmo ano. Um ano depois passaram a funcionar, nas dependências do convento, além da residência dos frades, o curso de Teologia para os noviços franciscanos e a *Escola Gratuita São José*, para os filhos dos colonos alemães.

Frei Inácio Hinte

Um dos primeiros professores da Escola foi o Frei Inácio Hinte, que chegara da Alemanha no ano anterior e fizera o noviciado na Bahia.¹⁰ Paralelamente à atuação como professor, Frei Inácio concluiu seus estudos de Teologia, tendo sido ordenado sacerdote em novembro de 1903.¹¹

Logo após sua chegada em Petrópolis, Frei Inácio conquistou a amizade de seu superior hierárquico, o Frei Ciríaco Hielscher, Guardiã do convento do Sagrado Coração de Jesus. Prova disso é o convite do Guardiã para que Frei Inácio o acompanhasse, no fim do ano de 1899, à festa de inauguração das oficinas tipográficas do jornal *O Estado*, no convento dos padres lazaristas. Naquele convento, Frei Inácio encontrou uma máquina impressora *Alauzet*, mais parecendo um amontoado de “ferro-velho”, conseguindo que fosse doada para os franciscanos. Com a autorização de Frei Ciríaco e um frete de 100.000 réis, os restos da *Alauzet* foram levados para o convento dos franciscanos. Segundo Frei Estanislau Schäette, estudante na época, uma carroça parou à porta do convento, “trazendo os objetos enferrujados, indicadores de glórias

9. Em 1890, o Papa Leão XIII confiou a restauração das duas províncias franciscanas brasileiras aos franciscanos da Província de Santa Cruz da Saxônia (Alemanha). Os primeiros missionários chegaram ao Brasil em 1891, dirigindo-se para Santa Catarina (Cf. NEOTTI, Clarêncio. *Cem anos: memória, celebração e renovação*. São Paulo: Província Franciscana da Imaculada Conceição, 1991, p. 17-19).

10. Cf. SCHÄETTE, Estanislau. *Breve história dos franciscanos em Petrópolis*. Petrópolis: Convento do Sagrado Coração de Jesus, 1945, p. 2.

11. As informações biográficas de Frei Inácio foram obtidas principalmente no seu necrológio, escrito por Frei Estanislau Schäette e publicado na revista *Vida Franciscana*, em 1956 (p. 190ss.).

passadas. A carga toda não ocupou grande espaço e cabia muito bem em um cantinho debaixo da escada”.¹²

Ali mesmo, debaixo da escada, com a ajuda de alguns estudantes da Escola Gratuita, Frei Inácio começou a examinar e a limpar peça por peça, modelando em madeira peças em falta, que em seguida eram fundidas, segundo os moldes feitos pelo fundidor da fábrica de trens Leopoldina, Sr. Francisco Silveira d’Ávila Jr.¹³, de modo que, ao cabo de pouco tempo, estava pronta para entrar em serviço a pequena tipografia, com suas caixas de tipos arrumadas e sua máquina de impressão montada e lubrificada¹⁴.

O Guardião do convento não apenas deu total apoio aos projetos de Frei Inácio como ele próprio escreveu diversas vezes ao Ministro Provincial solicitando autorização para a instalar uma tipografia com o objetivo de imprimir livros para os alunos da Escola Gratuita São José. Na época, os franciscanos de Petrópolis ainda estavam subordinados ao Ministro Provincial da Província de Santa Cruz da Saxônia, Frei Gregório Janknecht. Em 5 de março de 1901, o Discretório do Convento¹⁵, provavelmente representando Frei Gregório, consignou em ata a licença para o funcionamento da oficina, com o nome de *Typographia da Escola Gratuita São José*.

Além de Frei Ciríaco, que logo foi eleito Vice-Provincial, outro dos quatro membros do Discretório que assinaram a ata de fundação da “Vozes” – o Frei Luís Reinke – também teve passagem pela alta hierarquia eclesiástica. Em janeiro do ano seguinte (1902) Frei Luís atendeu ao convite de D. Silvério Gomes Pimenta, Bispo de Mariana, “para ir em auxílio ao bispado mineiro, designando-o a tomar a direção da freguesia de Bicas”.¹⁶ Três anos mais tarde, ciente da atuação de Frei Luís em Minas, D.

12. SCHÄETTE, Estanislau. 1901-1941: Tipografia da Escola Gratuita S. José, Vozes de Petrópolis, Editora Vozes Limitada. *Vozes de Petrópolis*. Petrópolis, p. 172, mar. 1941.

13. Mais tarde, filhos e netos de Francisco Silveira d’Ávila Jr. trabalharam na “Vozes”. Seu filho, Francisco Silveira d’Ávila Neto foi recordista em tempo de casa. Trabalhou de 1913 a 1983, desligando-se uma semana antes de completar 70 anos de empresa (Cf. ANDRADES. *Editora...*, op. cit., p. 49-51).

14. PIMENTEL, Mesquita. *Cinquentenário da Editora Vozes Ltda: 1901 – 5 de março – 1951*. Petrópolis: Vozes, 1951, p. 6. Na década de 1920, a *Alauzet* foi vendida ao ex-funcionário Antônio Geoffroy, que montou sua própria empresa, a Tipografia do Povo. No fim da década de 1960, um outro funcionário, o aposentado Antônio Nicolay, comprou-a da Tipografia do Povo e doou-a à Vozes. Atualmente, a *Alauzet* encontra-se no corredor central do edifício sede da Vozes, em Petrópolis, em uma redoma de vidro acessível aos visitantes (cf. ANDRADES. *Editora...*, op. cit., p. 30 e 46).

15. Discretório é um conselho formado por um determinado número de frades eleitos ou nomeados para esta função. O Discretório compõe o governo de cada fraternidade. (Cf.: Constituições Gerais das Ordens dos Frades Menores, Art. 243. Citado por KÜLKAMP. *Fraternidade...*, op. cit., p 32).

16. ABREU, Leilah de. *Frei Luís*. O Lyrio do Valle (1872-1937). Rio de Janeiro: Nova Era, 2000, p. 177.

João Braga, bispo de Petrópolis, convidou-o para retornar à diocese de Petrópolis para ser seu secretário. Aceito o convite, Frei Luís exerceu o cargo por mais de dois anos.¹⁷

Com a saída de Frei Ciríaco, o cargo de Guardião foi ocupado, até 1903, por Frei Celso Dreiling¹⁸. Sob seus auspícios encontravam-se a recém-inaugurada tipografia, o Instituto Teológico Franciscano, com seu curso de Teologia, a Escola Gratuita São José, o trabalho de assistência espiritual na capela do Sagrado Coração de Jesus e a própria residência dos frades. Frei Inácio parece ter se relacionado muito bem com seu novo superior, pois este o manteve no cargo e ainda apoiou-o para a compra das máquinas *Sollo* e *Phoenix*, que substituíram a *Alauzet*. “A máquina *Sollo* dispensava a ação humana para tocar a alavanca de impressão, pois ela possuía um motor. Estas duas máquinas aumentaram a capacidade de produção da *Typographia*, possibilitando o atendimento ao aumento de pedidos de livros, especialmente os escolares”¹⁹.

Os primeiros livros publicados apontam uma das estratégias editoriais de Frei Inácio: convidar para autores seus confrades do convento, seus professores no Instituto Teológico e os professores da Escola Gratuita São José, como se pode observar na próxima página, em quadro montado a partir das informações do *Catalogo das publicações da casa*, de 1911.

Dos 65 livros do *Catalogo* publicados nos dez primeiros anos de atividade da Editora, apenas dois são escritos por autores externos à ordem franciscana, um deles, o Pe. Desidério Deschand, ainda assim membro da Igreja. Todos os demais livros foram todos escritos, compilados ou traduzidos por frades. Os livros *Manual das Filhas de Maria*, *A musica Sacra* e *Manna: o alimento da alma devota* demonstram claramente a subserviência da “Vozes” às orientações de romanização apontadas por Miceli.²⁰ Os dois primeiros tinham o objetivo explícito de vulgarizar práticas romanas de apostolado (Filhas de Maria) e de liturgia (orientações do Papa Pio X sobre música sacra). Não é por acaso, pois, que as publicações da “Vozes” encontraram excelente receptividade entre os altos escalões da hierarquia eclesiástica. Em pouco tempo bispos, padres e freiras de todas as regiões do Brasil encomendavam e recomendavam os livros das “Vozes de Petrópolis”.

O livro *Cecilia*, publicado em 1906, escrito por Frei Basílio Rower, renomado músico e historiador franciscano, marcou o ingresso da “Vozes” na edição de obras

17. Cf. CASTRO, Américo M. de Oliveira. *Frei Luís*. Petrópolis: Vozes, 1942, p. 105-109.

18. Frei Celso Dreiling foi eleito Ministro Provincial em 1903, tendo sido reeleito para o triênio 1906-1909.

19. ANDRADES. *Editora...*, *op. cit.*, p. 24.

musicais. Esse livro aponta-nos, também, mais uma relação de Frei Inácio com o poder econômico local. Segundo Frei Basílio, o comendador Wilson, próspero benfeitor do convento franciscano, concedeu auxílio financeiro para a importar da Alemanha um lote de tipos para imprimir música e “Frei Inácio, o inteligente chefe da tipografia, em pouco tempo não somente adquiriu ele mesmo habilidade em compor, mas industriou também um mocinho, que facilmente aprendeu. A primeira publicação foi o meu pequeno manual de cânticos *Cecília* e em seguida saíram coleções de motetes e hinos e missas”.²¹

Cecília foi reeditado e atualizado inúmeras vezes, permanecendo em catálogo até os dias de hoje. A primeira atualização teve início logo após a primeira edição, em 1907, quando Frei Basílio e Frei Pedro Sinzig, autor do manual de cânticos *Benedicte*²², resolveram fundir os dois manuais de cântico em um só. O título ficou sendo *Cecília: manual de cânticos sacros* e o texto passou por uma revisão ortográfica e literária, realizada por um profissional externo à tipografia, o conde de Afonso Celso.²³

No ano de 1904, Frei Ambrósio Johanning foi nomeado Guardião do convento de Petrópolis, permanecendo no cargo até 1911, quando foi eleito Definidor Provincial e transferido para Florianópolis.²⁴ Esse período foi muito importante para o desenvolvimento da pequena *Typographia*, pois o novo Guardião apoiou e incentivou muito os projetos de Frei Inácio e de seu sucessor. Além disso, Frei Ambrósio mantinha um ótimo relacionamento com as autoridades civis, eclesiásticas e com as famílias oligárquicas da cidade, o que garantiu bons “patrocinadores” para o convento, a Escola Gratuita e a “Vozes”. Segundo o cronista do Convento, Frei Ambrósio gozava de prestígio junto ao Dr. José Maria da Silva Paranhos, o Barão do Rio Branco; ao conde

20. Cf. MICELI. *A elite...*, *op. cit.*, p. 13.

21. RÖWER, Basílio. Depoimento. In: BEUTTENMÜLLER, Leonila Linhares (Org.). *Frei Pedro Sinzig, OFM*. Petrópolis: Vozes, 1955, p. 65.

22. Publicado pela Tipografia de Frederico Pustet, Ratisbona, Alemanha, em 1898.

23. Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior nasceu em Ouro Preto, MG, no dia 31 de março de 1860. Seu pai era o visconde de Ouro Preto, último presidente do Conselho de Ministros do Império, e sua mãe D. Francisca de Paula Martins de Toledo. Coursou a Faculdade de Direito de São Paulo, na qual colou grau em 1880. Foi eleito quatro vezes deputado geral por Minas Gerais. Em 1892, Afonso Celso ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual foi eleito Presidente perpétuo em 1912, substituindo o Barão do Rio Branco. Afonso Celso foi membro fundador e Presidente da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira número 36 (cf. MAGALHÃES, Álvaro (Org.). *Enciclopédia Brasileira Globo II*. Porto Alegre: Globo, [s.d.], p. 1069; SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 205 e AFONSO CELSO. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras. Disponível em <<http://www.academia.org.br/cads/36/lista.htm>>. Acesso em: 18 dez. 2000).

24. Anos mais tarde Frei Ambrósio ocupou também os cargos de Reitor do Seminário de Garnstock, na Bélgica e, no Brasil, de Vice-Provincial (Cf.: REV. PADRE JUBILADO FREI AMBRÓSIO JOHANNING, OFM. *Vida Franciscana*. São Paulo, p. 72-76, 1952).

de Afonso Celso; ao conde de Aljesuer; ao conde de Arco Valley; ao Deputado Dr. João Hosannah de Oliveira e ao Dr. Leopoldo de Bulhões, “então poderoso Ministro da Fazenda, de quem Frei Ambrósio conseguia muitas isenções de direitos alfandegários”²⁵.

Resultaram dessa política de relacionamentos a ampliação do prédio do convento, a compra de mais três edifícios na rua em frente, adaptando dois deles para a Escola Gratuita e deixando o terceiro para um Grêmio Juvenil dos ex-alunos da escola, do qual foi o fundador, prédio mais tarde reformado e entregue para as oficinas da “Vozes”.

A revista “Vozes de Petrópolis”

No ano de 1907, Frei Inácio decidiu criar uma revista católica de cultura, que começou a circular no dia 1º de julho. Frei Ambrósio – assinante do jornal alemão *Stimmenn aus Maria Laach* (Vozes de Maria Laach) – sugeriu que o nome da nova revista fosse *Vozes de Petrópolis*²⁶. Para editá-la, foi convidado o Frei Hugo Mense, que permaneceu no cargo apenas 6 meses, afastando-se por problemas de saúde.

Vozes de Petrópolis era uma revista mensal, com mais de 70 páginas, no formato americano (14 X 21 cm), com ilustrações. No Editorial do primeiro número, a opção plural da revista é clara: “a Vozes de Petrópolis terá character geral e não puramente religioso. Trará a nossa revista artigos variados que terão o cunho da actualidade. Nenhuma região da sciencia e da technica da theoria e da pratica será excluida do programma”.

Já nesse primeiro número apareceram artigos sobre ciência (a invenção do aerostato, os progressos do telégrafo e da telefonia sem fio); a conjuntura mundial após a Conferência de Haya, realizada naquele ano; comentários e resenhas de artigos em jornais e revistas do Brasil, da Europa e da América do Norte; recomendações de livros; história do movimento franciscano, notícias locais (Petrópolis), nacionais e internacionais; um capítulo do romance *A filha de Maria*; poesia, psicologia e literatura.

25. *Id.*, *Ibid.*, p. 72-73.

26. CONVENTO DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. *Livro de Crônicas n. 5*. Petrópolis: 1950, p. 193.

Frei Pedro Sinzig

No ano de 1908 Frei Inácio Hinte foi transferido para Santos²⁷, no estado de São Paulo, sendo nomeado seu substituto o músico, jornalista, professor e escritor Frei Pedro Sinzig, que vivia na cidade de Lages, em Santa Catarina.²⁸ Lá, Frei Pedro havia fundado e dirigido o jornal *Cruzeiro do Sul*, extinto em 1905 devido às inúmeras polêmicas travadas com as autoridades civis de Santa Catarina. A experiência e o perfil profissional de Frei Pedro deram-lhe condições para assumir, simultaneamente, os cargos de diretor da *Typographia* – pois entendia um pouco das “manhas das machinas de impressão” – e de editor (ou redator) da revista *Vozes de Petrópolis*, que passava por dificuldades devido à saída de Frei Hugo Mense²⁹.

Sob a direção de Frei Pedro Sinzig, a “Vozes” alcançou projeção nacional. Suas instalações foram ampliadas e sua capacidade de produção foi, com a importação de novas máquinas, aumentada, o que possibilitou o crescimento do número de publicações e, conseqüentemente, de funcionários, autores e colaboradores.

Entre suas estratégias editoriais destaca-se o investimento na revista *Vozes de Petrópolis* e na publicação de livros religiosos e romances. Na revista, ele próprio publicou artigos sob diversos pseudônimos, mas também ampliou o corpo de colaboradores convidando autoridades como o conde de Afonso Celso e o Ministro Viveiros de Castro³⁰, além de vários frades de outros conventos, bispos, padres seculares, religiosos de outras congregações e escritores leigos.

Preocupado com o crescimento da *Typographia* e com a carência de equipamentos adequados, Frei Pedro viajou para a Alemanha em 1910, onde, através de inúmeras atividades tais como palestras, viagens e pedidos de donativos junto aos confrades europeus, conseguiu reunir a verba necessária para a compra da máquina *Windsbraut*, na fábrica Schelter & Gieseke, de Leipzig³¹. Na mesma viagem ele visitou diversas fábricas, tipografias e redações de jornais, com o objetivo de acompanhar a evolução dos serviços gráficos. No mês de outubro do mesmo ano, Frei Pedro voltou ao Brasil trazendo consigo:

27. Frei Inácio ocupou ainda os cargos hierárquicos de Definidor Provincial e de Guardiã, retornando a Petrópolis em 1929 nessa condição.

28. Natural de Linz, na Alemanha, batizado com o nome de Franz Sinzig, Frei Pedro também estudou no seminário de Harreveld, na Holanda.

29. Cf. SINZIG, Pedro. *Reminiscências de um frade*. Petrópolis: Typographia das “Vozes de Petrópolis”, 1917, p. 289.

30. O livro de contos *Violetas*, de Frei Pedro Sinzig, é dedicado ao Ministro, com os dizeres: “Ao distinto amigo Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro” (cf. SINZIG, Pedro. *Violetas*. Petrópolis: Administração das “Vozes de Petrópolis”, 1913).

A grande machina de impressão *Windsbraut*; uma complicada machina de costurar, para encadernação de livros; outras de dobrar folhas; um poderoso motor para pol-as todas em movimentos; a transmissão necessaria; numerosos objectos menores como um excellente aparelho de projecção, caixões inteiros de livros e revistas etc.³²

As máquinas ocuparam tanto espaço que as novas salas no convento não bastaram para acomodá-las. Foi preciso encontrar um outro espaço. Frei Pedro, então, com a ajuda de benfeitores e o empenho dos superiores Frei Ambrósio e Frei Felipe Nieggemeyer, Guardião nomeado em 1911, construiu um novo prédio na Rua Nunes Machado³³. A construção foi projetada de tal maneira que a “tipografia recebe luz superior, de modo que as paredes laterais podem ser usadas perfeitamente”.³⁴ A sala de máquinas, a composição e a encadernação ficaram todas no mesmo andar da construção.

A *Windsbraut* aumentou em oito vezes a capacidade de produção da futura Editora Vozes, pois permitia a impressão de uma folha com 32 páginas de cada vez. As máquinas anteriores imprimiam, no máximo, quatro páginas por vez. As máquinas de costurar e dobrar também ajudaram a aumentar a rapidez dos serviços de encadernação da *Typographia*, que antes eram todos feitos à mão.³⁵

Vozes de Petrópolis

A repercussão da revista *Vozes* sob a direção de Frei Pedro Sinzig foi muito grande. Em pouco tempo, espalhou-se por todos os estados do Brasil, tornando conhecida em todo o país a pequena tipografia dos franciscanos de Petrópolis. Dois anos após o lançamento, a revista já contava com “1700 assinantes, fora as vendas avulsas”.³⁶ O número de assinaturas é bem significativo, se considerarmos que apenas uma pequena parcela da população tinha acesso à instrução escolar, como afirmou Olavo Bilac:

As últimas estatísticas, dando ao Brasil uma população total de vinte milhões e duzentas e quinze mil almas, demonstram que, em toda a extensão do país, todos os estabelecimentos de ensino, incluindo o ensino público e o particular, o civil e o militar, o primário, o profissional, o normal, o secundário, o superior, tinham, em 1907, ano em que se operou o censo, a

31. Essa viagem está relatada em: SINZIG. *Reminiscências...*, op. cit., p. 340-422.

32. SINZIG. *Reminiscências...*, op. cit., p. 413.

33. Localizada na lateral esquerda do convento, seu nome atual é Rua Frei Luís.

34. SINZIG. *2. Jahrbuch...*, op. cit., p. 138.

35. SINZIG, Petrus. *Jahrbuch 1910 der südbrasilianischen Franziskanerprovinz von der Unbefleckten Empfängnis*. Petrópolis: Vozes, 1911, p. 15. (Tradução do trecho citado: Ênio Paulo Giachini).

36. ORTH. *Histórico...*, op. cit., p. 9.

matrícula de 624.064 alunos; e isto quer dizer que a pouco mais de dois e meio por cento da população é ministrado o favor do ensino.³⁷

Tornou-se uma rotina receber exemplares de jornais de várias regiões do país, comunicando que haviam transcrito artigos da revista “Vozes”. Tanto que os redatores da revista até oficializaram o processo, criando na revista uma seção intitulada: *Transcrições das “Vozes de Petrópolis” pelos colegas*. Apenas no primeiro número de 1906, selecionado como amostra para este estudo, encontram-se registradas quatro transcrições que haviam sido enviadas à redação. O jornal *O Diário*, de Porto Alegre, transcreveu o artigo “O Marechal von Hinderburg”; *Gazeta do Povo* e o *Diário Teuto-Brasileiro*, ambos de São Paulo, transcreveram, respectivamente, os artigos de Júlio Tapajós: “A ‘União’ destruída pelo fogo” e “A Inglaterra e a Imprensa”. Um artigo de Frei Pedro Sinzig, com o título “Pratos apetitosos” foi transcrito pela revista *Mensageiro da Fé*, de Salvador.³⁸

Outro exemplo que serve para ilustrar a receptividade de que gozava a *Vozes de Petrópolis* pode ser lido no artigo “Duas Palavras”, onde o conde Carlos de Laet³⁹ traduz o sentimento de muitos leitores a esperar ansiosos novos textos de Frei Sinzig:

Quando das suas montanhas nos advém o laborioso, o infatigável, o portentoso escriptor, prégador, polemista, romancista, que é Frei Pedro Sinzig, sempre nos traz alguma coisa: quasi sempre livros, porque elle os sabe fazer no mesmo tempo que nós levamos a bosquejar artigos. E, intermitentes e refrigerantes, vêm as *Vozes de Petropolis*, typo e modelo de revista que instrue e deleita sem perverter.⁴⁰

Devido ao grande sucesso da revista, em pouco tempo as pessoas começaram a chamar a tipografia que a imprimia de tipografia das “Vozes de Petrópolis”. Reconhecendo o sucesso da revista, em 1911 os franciscanos resolveram mudar oficialmente o nome da

37. BILAC, Olavo. *A defesa nacional*. Discursos. Rio de Janeiro: Liga de Defesa Nacional, 1917, p. 136-137. Citado por LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996, p. 156.

38. *Vozes de Petrópolis*. Petrópolis, ano X, vol. I, p. 8, 1916.

39. O conde Carlos de Laet foi Presidente da Academia Brasileira de Letras, jornalista do visconde de Ouro Preto e redator da *Tribuna Liberal*, periódico que teve que encerrar suas atividades logo após a adoção da censura por Deodoro, em dezembro de 1889. Perseguido também por Floriano, o conde Carlos de Laet refugiou-se no interior de Minas Gerais, onde dedicou-se ao ensino e à atividade literária. “A sua figura marcaria a *belle époque* no Brasil, como o escritor brilhante e inconformado, que não aceita a República, como o reino da mediocridade, como a fuga à tradição e ao bom gosto, em literatura, em política e em moral” (TORRES. *História das idéias religiosas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1968, p. 174). Carlos de Laet fez parte, segundo Camilo Torres, de um grupo de intelectuais próximos ao visconde de Ouro Preto e à Princesa Isabel, que valorizavam a Igreja e preconizavam “uma aliança entre o ‘trono e o altar’, nos quadros da monarquia liberal, uma forma democrática e brasileira do legitimismo”. Do grupo também destacavam-se os Joaquim Nabuco e o próprio filho do visconde, o conde de Afonso Celso (cf. TORRES. *História...*, op. cit., p. 173-175).

40. *Vozes de Petrópolis*. Petrópolis, ano X, vol. I, p. 9, 1916.

empresa de *Typographia da Escola Gratuita São José para Administração das “Vozes de Petrópolis”*.

A expansão comercial

O exame “bibliográfico”, recomendado por Roger Chartier⁴¹, de catálogos, livros e periódicos produzidos pela editora apontaram pistas para uma reconstrução da política comercial e logística da “Vozes” no período. A rede de divulgação dos seus produtos foi sendo criada principalmente através de estratégias de divulgação nas próprias publicações. Além das resenhas, indicações de livros e campanhas feitas na revista *Vozes de Petrópolis* e em outras revistas ligadas à Editora e nos próprios livros (com pequenas resenhas e cupons de pedidos nas últimas páginas), o catálogo geral de obras publicadas também era um ótimo meio de divulgação dos produtos da “Vozes” e um canal de comunicação com o cliente. O catálogo da *Administração das “Vozes de Petrópolis”* de 1932, por exemplo, apresenta 128 páginas com informações sobre títulos, autores, preços, tamanhos dos livros, formato, comentários sobre as obras, público-alvo e, é claro, informações sobre a empresa e as condições de comercialização. Estes catálogos eram enviados a todos os bispos, paróquias e clientes cadastrados.

Com um mínimo de recursos – as próprias publicações, colaboradores voluntários e amigos “influentes” –, a “Vozes” montou, na época, uma grande rede de distribuição e circulação, enviando seus livros e revistas para todas as regiões do país. O apoio obtido por parte dos bispos e vigários foi fundamental para a criação e manutenção dessa rede. Presentes em todas as regiões do Brasil, eles viram na “Vozes” a solução para o problema da carência de publicações religiosas em língua portuguesa e, mais ainda, de publicações que pudessem recomendar aos fiéis, sem receio de perturbar-lhes a fé. Os livros e revistas da “Vozes”, por outro lado, atendiam a estas expectativas.

Os demais leitores da revista *Vozes de Petrópolis* também foram chamados, assim como os religiosos, para colaborar na multiplicação da rede de assinantes, divulgadores e potenciais compradores das publicações da editora. Já no primeiro ano de circulação (julho de 1907 a junho de 1908), os frades lançaram uma promoção interessante: “Pedimos a fineza de indicar-nos o endereço de pessoas que talvez se interessem por nossa revista, para que possamos mandar-lhe um numero”.⁴² A recepção da campanha

41. Ver, por exemplo, CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*. A história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: EdUFRGS, 2002, p. 243-254; _____. *A ordem dos livros*. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2 ed. Brasília: Editora da UnB, 1998, p. 35.

42. *Vozes de Petrópolis*. Petrópolis, p. 740, maio 1908.

foi ótima e o retorno imediato. Menos de um mês depois do lançamento da campanha, a revista *Vozes* publicou trechos de várias cartas recebidas dos assinantes:

Pelo ultimo numero das “Vozes de Petropolis”, aqui chegado, vi que V. Revmas. desejam augmentar o mais possível a circulação d’aquella tão util revista; e por isso, (...) peço permissão para lhes apresentar, sem responsabilidade alguma minha, a inclusa lista de (97) pessoas que a podem apreciar, pagar e propagar...

(...)

A excellencia das “Vozes de Petropolis” e o preço insignificante me permitirão arranjar, alem das 17 cujos nomes vão junto, ainda muitas assignaturas. Um professor de musica, a quem mostrei os suplementos musicaes, entusiasmado só por elles já pediu uma assignatura.⁴³

Entre outras, chegaram cartas com listas de potenciais assinantes das cidades de Ouro Preto, MG, Itapecirica, SP, Ponte Nova, MG, Santarém, PA, e Palhoça, SC. Além disso, as revistas sempre trouxeram comentários – e até capítulos inteiros – sobre livros, preparando, assim, a recepção destes.

O código telegráfico

Mas a grande inovação no atendimento ao cliente foi o Código de “serviço telegraphico”, lançado no catálogo geral de 1932. Criado com o fim de “facilitar e baratear aos nossos fregueses a comunicação rapida com esta Administração”, o código telegráfico era de fácil utilização e permitia agilizar os pedidos por meio do telégrafo. Para um cliente pedir 50 exemplares do *Segundo catecismo da doutrina christan*, por exemplo, ele precisaria enviar apenas um telegrama com a palavra “madunos” e seria rapidamente atendido pela *Vozes*. “Madu” é o código para o título daquele livro e “nos” é o código de quantidade para 50 exemplares.

O catálogo geral explica como o código deve ser usado:

Cada obra e suas especies indicadas neste catalogo estão precedidas de uma palavra impressa á margem.

Este termo servirá de palavra telegraphica no pedido que se fizer e substituirá o título do livro que se deseja adquirir.

Portanto, em vez de pedir, “O zelo pela perfeição religiosa”, basta telegraphar simplesmente *Ago*. E aqui já sabemos de que livro se trata.⁴⁴

Para determinar a quantidade de exemplares desejados pelo cliente, a “Vozes” criou uma tabela de códigos (sílabas) que deveriam ser acrescentados no fim de cada palavra-título. Assim, no exemplo anterior, se o cliente quisesse pedir quatro

43. *Vozes de Petrópolis*. Petrópolis, p. 665, jun. 1908.

44. *Catalogo de bons livros e musicas sacras e profanas*. Petrópolis: Administração das “Vozes de Petrópolis”, 1932, p. 4.

exemplares do livro *O zelo pela perfeição religiosa*, ele precisaria apenas acrescentar o código *qua* após o código *Ago*, telegrafando *Agoqua*.

Assim, os clientes deveriam utilizar a tabela de códigos para indicar a quantidade de livros pedidos:

Para pedir:
1 exemplar citar simplesmente a palavra telegraphica.
2 exemplares – basta acrescentar o sufixo dois
3 exemplares – basta acrescentar o sufixo tres
4 exemplares – basta acrescentar o sufixo qua.
E assim sucessivamente,
12 = “zia”;
20 = “pe”;
30 = “te”;
50 = “nos”;
200 = “do”;
300 = “mi”;
800 = “si” e
1.000 = “mil”.

Com este processo, a Vozes conseguiu implantar rapidez e agilidade no atendimento, em uma época (nos anos 30) em que o telefone era raro privilégio de poucos e as correspondências levavam dias para ser entregues. Com o uso do telégrafo para o pedido de produtos, aqueles ousados frades e seus colaboradores estavam dando os primeiros passos para o comércio de livros no varejo virtual.

Simultaneamente à atuação como diretor e como editor na “Vozes” e como apologeta da “boa imprensa”⁴⁵, Frei Pedro Sinzig assumiu cargos na hierarquia da Província e participou intensamente da vida artística e literária do país.

Na hierarquia eclesiástica, ocupou os cargos de Definidor (1911-1914), de Vice-Provincial (1914-1917) e de Provincial, cargo vacante devido à ausência prolongada do Ministro Provincial, que viajara a Roma. Frei Pedro também foi nomeado organizador do anuário *Jahrbuch der südbrasilianischen Franziskanerprovinz von der Unbefleckten Empfängnis*. No ano de 1910, em audiência especial com o Papa Pio X, recebeu “aprovação plena e bênção para os trabalhos em prol da boa imprensa no Brasil”, aprovação reforçada em outras duas ocasiões (2 de setembro de 1913 e 23 de julho de

45. À frente da “Vozes”, Frei Pedro defendeu o ideal de uma imprensa “séria, limpa e justa”. Fundou, neste sentido, o Centro da Boa Imprensa, entidade onde publicou as revistas mensais *A resposta*, *A união* e a revista destinada ao público infantil *O beija-flor*. Aproveitando de sua tribuna na revista “Vozes”, Frei Pedro lançou a idéia de um congresso de jornalistas católicos, que viu logo concretizada. O *I Congresso de Jornalistas Católicos* aconteceu em Petrópolis de 31 de março a 02 de abril de 1910. Frei Pedro acreditava que a luta pela “Boa Imprensa” deveria ser travada também nas telas. Instalou, então, uma sala de projeções, onde assistia e censurava todos os filmes antes de serem

1914) em carta de D. Merry del Val, Cardeal Secretário de Estado do Vaticano, transmitindo o louvor de Pio X à “grande iniciativa” de Frei Pedro e “concedendo a ele e a todos os colaboradores e sócios, bênçãos e indulgências”.⁴⁶

As principais estratégias editoriais dos frades Inácio e Pedro, primeiros diretores da “Vozes”, foram, portanto: em primeiro lugar, a constituição de uma linha editorial bem definida – distribuída em uma variedade de publicações, como revistas, romances, contos, peças de teatro, música etc.; em segundo, a divulgação e a logística de distribuição e comercialização destes produtos a um público (católico) bem definido; e em terceiro, mas não menos importante, a adoção de uma política de boa vizinhança com os próprios superiores hierárquicos e outros membros da elite eclesiástica, econômica e política do país.

Referências bibliográficas

- ABREU, L. *Frei Luís*. O Lyrio do Valle (1872-1937). Rio de Janeiro: Nova Era, 2000.
- ANDRADES, Marcelo F. *Editora Vozes: 100 anos de história*. In: _____. (Coord.). *Editora Vozes: 100 anos de história*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BEUTTENMÜLLER, L. (Org.). *Frei Pedro Sinzig, OFM*. Petrópolis: Vozes, 1955.
- CARVALHO, Áurea M.F. A Igreja do Sagrado Coração de Jesus. *Revista do Instituto Histórico de Petrópolis*. Petrópolis, vol. II, 1981.
- CARVALHO, D.P. *A serviço da fé e da cultura: 90 anos da Editora Vozes*. (Dissertação). Roma: Studio Paolino Internazionale della Comunicazione Sociale, 1991.
- CASTRO, A.M. O *Frei Luís*. Petrópolis: Vozes, 1942.
- CHARTIER, R. *À beira da falésia*. A história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.
- _____. *A ordem dos livros*. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2 ed. Brasília: Editora da UnB, 1998.
- HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T.A. Queiroz. EDUSP, 1985.
- KÜLKAMP, C. *Fraternidade em currículo. Uma história do Colégio Bom Jesus Canarinhos em Petrópolis*. Dissertação (Mestrado em Educação). Rio de Janeiro, UERJ, 2000.
- LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- MICELI, S. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- NEOTTI, C. *Cem anos: memória, celebração e renovação*. São Paulo: Província Franciscana da Imaculada Conceição, 1991.
- _____. Nota de rodapé n. 6. In: BAHLMANN, Amando. *Memórias inacabadas*. Introdução e notas de Frei Clarêncio Neotti, O.F.M. São Paulo: Cúria Provincial, 1995.
- ORTH, E. *Histórico da Editora Vozes*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- PAIVA, A. *A voz do veto: censura católica à leitura de romances*. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

exibidos nos cinemas do Rio de Janeiro. Para que esta censura tivesse um alcance maior, fundou também, no Centro da Boa Imprensa, a revista *Tela*, distribuída para todo o país.

46. Cf. JUBILADO FREI PEDRO SINZIG. *Vida Franciscana*. São Paulo, p. 73-77, 1953.

- SINZIG, P. *Através dos romances: guia para as consciências*. Petrópolis: Administração das “Vozes de Petrópolis”, 1915.
- _____. (Francisco de Lins). No laboratório das “Vozes”. *Vozes de Petrópolis*. Petrópolis, ano 10, vol. 1, 1916.
- _____. *Reminiscências de um frade*. Petrópolis: Typographia das “Vozes de Petrópolis”, 1917.
- SODRÉ, N. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- TORRES, J.C. *História das idéias religiosas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1968.
- TORRESINI, E.R. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: EDUSP. Com-Arte. Porto Alegre: EDUFRGS, 1999.
- WILLEKE, V. *Franciscanos na História do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1977.